omal de UM PREGAO DE IDEAL QUE LEVAMOS A TODOS

Trimestre, 13\$00 — Semestre, 26\$00 mais a despesa da cobrança Ano, 52\$00

Comp. e Imp.: TIP. OFICINAS S. JOSÉ - LISBOA Redacção e Administração AV. D. JOÃO I, 9-1.º Esq. — ALMADA Telefone 271586

Director, Editor e Proprietário P. MANUEL MARQUES Administrador JOÃO NARCISO MARTINS

28 DE AGOSTO DE 1966 ANO XII N.º 610 Preço 1\$00

A ponte e a expansão urbana



ALMADA

O gráfico do Gabinete do Plano Director da Região de Lisboa, que engloba o nosso Concelho, prevê para este a ocupação urbana de toda a sua área sul, até Corroics. Quer dizer que, com excepção da zona do Alfeite, adstrita à Armada, toda a área criental do Concelho de Almada, delimitada a ocidente pela auto-estrada da ponte, será destinada à construção urbana, e que, por conseguinte, Cacilhas, Almada, Pragai, Cova da Piedade, Laran-

jeiro e Feijó, constituirão um imenso aglomerado populacional, beneficiando da sua proximidade com Lisboa e das fáceis comunicações com esta cidade e com a vasta região a industrializar no concelho do Seixal, comunicações a completar ainda com o prolongamento até Lisboa da via férrea do sul e sueste, na qual vai entroncar junto da Moita.

Para ocidente da linha da auto-estrada do sul, o Plano Director prevê e permite ainda o alargamento do Monte de

Almada vai ser, portanto, uma grande urbe, talvez a terceira, ou mesmo a segunda do País. E, sem ignorar que esta perspectiva vai trazer para a administração muitos problemas difíceis de resolver, não podemos deixar de esperar para ela um futuro muita promissor.

Vista no seu conjunto — embora a realizar progressivamente — é imensa a tarefa de que vai incumbir-se a administração local. Mas dela sairá uma Almada mais bela e maior. E dos seus esforços, conjugados com os das Escolas e da Igreja, resultará uma Almada mais rica de valores morais e humanos — a cidade de Cristo-Rei.

P. M.

Caparica, servido também pelo ramal do mesmo sistema ferroviário que há-de chegar até à Casta. É sabido de todos os nossos leitores que a ponte foi construída em vista da sua utilização pelo comboio, e que sob a praça da portagem já estão feitos os acessos (para o efeito.

Entre esses problemas, quem não vê o da instalação dos serviços camarários em edifício muito maior, o da construção das igrejas de Almada, da Cova da Piedade e do Feijó-Laranjeira (para não mencionar senão as mais urgentes), o da edificação de um novo e major hospital, o da construção das escolas liceal e técnica, etc., além dos problemas de tão grande importância dos serviços de assistência e de limpeza, e de policiamento e dos mercados?

A nossa razao E OS OUTROS

Comentário a críticas infundadas

O nosso número de 7 do corrente, que pretendemos distinguir dos números normais, aumentando--lhe a paginação e publicando-o a cores, com a intenção de festejar o grande acontecimento da entrada da ponte ao serviço, não foi compreendido por toda a gente. Por isso recebemos cartas e postais de crítica. Satisfaz-nos comprovar que se lê o que escrevemos. Mas temos pena de não sermos compreendidos.

Não tínhamos que referir-nos a essa correspondência nestas colunas. Fazemo-lo, apesar de tudo, porque estamos convictos de que sabemos o que queremos e para onde vamos. Além disso, o nosso comentário às críticas poderá ser meio para nos conhecerem melhor.

A NOSSA RESPOSTA

1) Importa, antes de mais, informar que um semanário - como é o «Jornal de Almada» — não se faz de um para o outro dia, à maneira dos diários.

O número em referência do «Jornal de Almada», por força das cir-

Dr. Norberto Lopes

O País soube com emoção do acidente de viação que pôs em risco a vida do dr. Norberto Lopes e de

Congratulamo-nos pelas notícias recebidas à hora em que escrevemos, segundo as quais estão livres de perigo.

Acompanhamos com simpatia, nesta circunstância difícil, todos os que trabalham no «Diário de Lisboa», de que o ilustre enfermo é director.

cunstâncias próprias da vida de todos ou quase todos os semanários, estava pronto à hora da inauguração da ponte. Por isso não publicámos no domingo, 7, notícia alguma da inauguração, ao contrário do que nos diz o nosso correspondente M. Ferreira da Silva.

2) A nota publicada na última página desse mesmo número, mostra que a descrição de Vasco Alves é uma visão fantasista da inauguração da ponte, transcrita do nosso número de 5 de Maio de 1957.

Por tal razão — e por respeito para com as pessoas — não se podia inventar os nomes das pessoas da autoridade, nem o nome da ponte.

3) O sr. M. Ferreira da Silva

atribui-nos uma intenção política, mas infundadamente, como se vê. - Não será por supôr que seguimos uma diferente da que ele deseja impôr? E como garantir-nos de não sermos vítimas de críticas de outros leitores, se quisermos pugnar pelos ideais políticos do sr. M. Ferreira da Silva?

Pondo de parte a deselegância de chamar o nosso colega «República» para onde não é chamado, lembramos ao nosso correspondente que os católicos têm liberdade nas opções políticas, desde que se mantenham no respeito às normas da sua religião. O Catolicismo é supra--política e os católicos têm obrigação de consciência de trabalharem pelo bem comum em qualquer regime. O que se pede a este é que respeite Deus e a liberdade de O servir. A Igreja não é nem republicana nem monárquica, embora os seus membros possam sê-lo.

4) Quanto aos outros pontos, dar-lhe-emos explicações quando nos procurar. Nem podemos mandar--lhas pelo correio, porque se não identificou - o que em princípio logo anula todo o valor da sua carta. Não obstante, e em sinal de que não tememos a verdade, não hesitámos em responder-lhe.

NÃO BASTA A BOA VONTADE

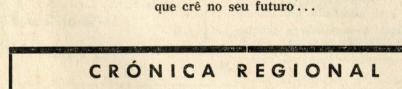
M. MORAIS SARMENTO -'Agradecemos a sua carta, em que, a par da boa vontade, que admiramos, há erros de base que lastimamos. Por favor, leia a resposta anterior e identifique-se ou apa-

(Continua na pág. 2)

Leia na página 3

TRIÂNGULO

Suplemento Literário



DA CRÍTICA, DOS CRÍTICOS

COSTA DE CAPARICA — Imagem de frescura e jóia dum concelho

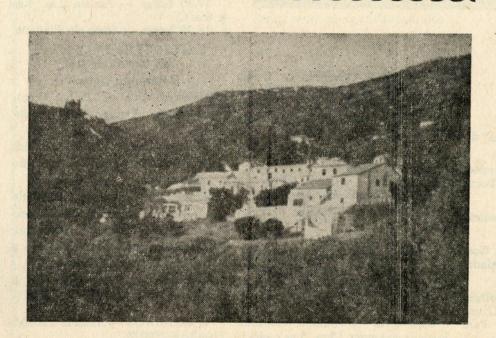
Já andamos nestas voltas do jornalismo há um bom par de anos, servindo até onde nos é possível ir, aguentando más vontades e raivas imperfeitamente disfarçadas, sem que, até hoje, nos tenha esmorecido o ânimo, ou acobardado a vontade.

Da humildade do nosso lugar de «pontapé nas costas», temos ido lançando as nossas sugestões, alvitres, censuras e aplausos (quando é caso disso), nunca esperando receber outra coisa que não seja aquilo que o nosso bilhete de geral — que nem sequer é reservada — consente: — as tais biqueiras dos sapatos enterradas nos rins das nossas boas intenções e as cotoveladas nas costelas do nosso esforço.

e do que está atrás

É facto que, lá de longe em longe surge um obrigado, mais ou menos balbuciado a medo, e também - muito raramente o público reconhecimento de gratidão pelo nosso trabalho. São esses, momentos reconfortantes, muito embora nós saibamos porque os ouvimos - dos comentários mais ou menos chocarreiros com que a ilustre assistência nos costuma brindar em tais ocasiões.

(continua na página 2)



Panorâmica da Serra da Arrábida e do seu Convento